

REPRESENTAÇÃO DO UNIVERSO QUEIROSIANO No Cinema e na Televisão¹

A história tem dado testemunho da presença constante de adaptações literárias para diversas linguagens, nas quais se inclui o cinema e a televisão. De facto, desde os primórdios destes meios audiovisuais, que se verifica a apropriação de conteúdos diegéticos de obras de autores de renome para narrativas visionadas em pequeno e grande ecrã. Trata-se de um processo estético que, por apropriação do significado de um texto anterior, vai dar origem a um novo produto artístico. O mesmo será dizer que estamos a transubstanciar, isto é, a recriar a substância para a exprimirmos numa outra linguagem. Deste modo, a adaptação literária é um exercício de liberdade criativa, que mantém, inevitavelmente, com o escrito original um estreito vínculo.

E se grande parte das adaptações para cinema e televisão tem origem nos clássicos da literatura, também é significativo notar que esta sinergia entre letras e audiovisual manifesta-se, igualmente, na adaptação de ficção mais recente, de que são exemplo filmes como *A Corte do Norte* (2009/ João Botelho), a partir da obra homónima de Agustina Bessa-Luís (1987) ou *Contrato* (2009/ Nicolau Breyner), numa adaptação da obra de Dinis Machado *Requiem Para Dom Quixote* (1968).

No entanto, a verdade é que a literatura do século XIX, continua a ser fonte de inspiração para filmes e séries. Entendemos que esta propensão para os autores canónicos está relacionada com a legitimação cultural que a obra canónica pode oferecer à ficção adaptada e, por outro lado, vincula-se aos

conteúdos melodramáticos dos textos clássicos, que oferecem, não só uma variedade de temas e intrigas, como também personagens bastante apetecíveis para representação em linguagem audiovisual.

Neste sentido, do vasto património literário de Eça de Queirós, um dos expoentes máximos da literatura portuguesa do século XIX, muitas são as obras que têm sido objecto de constante transposição para cinema e televisão, não só em Portugal, como a nível internacional. É o caso das adaptações cinematográficas *O Primo Basílio* (1922/ Portugal/ Georges Pallu), *El Primo Basílio* (1934/ México/ Carlos de Nájera), *El Deseo* (1944/ Argentina/ Carlos Schlieper, tendo por base o romance *O Primo Basílio*), *O Cerro dos Enforcados* (1954/ Portugal/ Fernando Garcia, a partir do conto *O Defunto*), *O Primo Basílio* (1959/ Portugal/ António Lopes Ribeiro), *Os Lobos* (1978/ Portugal/ curta-metragem de Pedro Bandeira Freire com base no conto *O Tesouro*), *Amor e Cia* (1998/ Brasil/ Helvécio Rattton, uma adaptação de Alves e C.²), *El Crimen del Padre Amaro* (2002/ México/ Carlos Carrera), *O Crime do Padre Amaro* (2005/ Portugal/ Carlos Coelho da Silva), *O Mistério da Estrada de Sintra* (2007/ Portugal/ Jorge Paixão da Costa), *O Primo Basílio* (2007/ Brasil/ Daniel Filho) e *Singularidades de Uma Rapariga Loura* (2009/ Portugal/ Manoel de Oliveira).

Também a televisão se apropriou, por diversas vezes, do universo queirociano em vários formatos, como teleteatro, telefilme, telenovela ou mini-série. É o caso da adaptação Checa de *O Crime do Padre Amaro* (Zlocin Pátera Amara/ 1958/ direcção

1. Artigo elaborado com o apoio do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), co-financiado pelo Governo Português e pela União Europeia, através do Fundo Europeu para o Desenvolvimento Regional (FEDER), e da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); este artigo também tem o apoio da FCT através de uma Bolsa de Doutoramento Individual.

“Esta sinergia entre a produção literária queirosiana e o audiovisual reveste-se de grande importância para a revitalização e actualização da memória literária portuguesa.”

artística de M. N_vit), O Primo Basílio (Vetter Basílio/ 1969/ Alemanha/ Wilhelm Semmelroth), A Capital (1971/ Portugal/ Artur Ramos), Alves e Cª (1974/ Portugal/ Artur Semedo), Os Maias (1979/ Portugal/ Ferrão Katzenstein), O Defunto (1980/ Portugal/ Noémia Delgado), A Tragédia da Rua das Flores (1981/ Portugal/ Ferrão Katzenstein), A Relíquia (1987/ Portugal/ Artur Ramos), O Primo Basílio (1988/ Brasil/ Daniel Filho), O Mandarim (1990/ Portugal/ Ferrão Katzenstein), O Conde D’Abranhos (2000/ Portugal/ António Moura Mattos), Os Maias (2001/ Brasil/ Luiz Fernando Carvalho), Lusitana Paixão (2003/ Portugal/ Jorge Paixão da Costa e André Cerqueira, tendo por base Os Maias), O Crime do Padre Amaro (2006/ Portugal/ Carlos Coelho da Silva) e Nome de Código: Sintra (2007/ Portugal/ Jorge Paixão da Costa, a partir de O Mistério da Estrada de Sintra). Para além disso, existem referências de que os romances de Eça de Queirós A Ilustre Casa de Ramires (1900) e A Cidade e as Serras (1901) também motivaram a escrita de argumentos nacionais, o primeiro para cinema em 1945, que nunca chegou a ser filmado, e o segundo, em 1973 para teleteatro, no entanto, não dispomos de

informação que confirme a sua transmissão. Parece-nos, portanto, evidente o interesse do cinema e da televisão em revisitar a herança literária de Eça de Queirós, inclusive actualmente. Neste sentido, das diversas razões para continuar a adaptar os textos queirosianos, destacamos a inspiração motivada pelo estilo da escrita, que atrai leitores e liberta a imaginação para outras concretizações, os temas diversificados passíveis de funcionarem como motor dramático para enredos interpelantes, as personagens capazes de personificarem diversos papéis e funções na narrativa, a acutilância da sua crítica e caricatura, o que torna mais compreensível e facilmente visualizável os temas que aborda e, finalmente, a actualidade da sua reflexão sobre Portugal e a identidade nacional. Eça traça uma ilustração de Portugal e do “ser” português, que apesar de irónica e caricatural, permite reconhecer certos traços da identidade, da cultura e da sociedade portuguesa que continua a ter interesse para as outras artes. Para além disso, não podemos deixar de mencionar a própria individualidade do escritor, cujo estatuto confere às adaptações, que têm por base a sua criação artística, a auréola de produções culturalmente pertinentes e, ainda, o desafio de filmar Eça, cujas narrativas engenhosas, nos premeiam com temas apelativos, diálogos vivos e personagens marcantes.

Gostaríamos, por fim, de sublinhar que esta sinergia entre a produção literária queirosiana e o audiovisual reveste-se de grande importância para a revitalização e actualização da memória literária portuguesa, em especial, para as novas gerações.